

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Dialogando com o filme “Abril Despedaçado” de Walter Salles Jr. Reflexões sobre o Golpe de 2016 no Brasil

Vanessa Batista de Andrade¹

O mês é Abril, os holofotes, câmaras filmadoras e fotográficas estão todos direcionados para o espetáculo que prometia ter grande audiência. Dado o início dos trabalhos, logo manifestações pró e contra começaram a se representar via televisiva para todo país, uma batalha campal e desigual, em número e em profundidade dos discursos proferidos no púlpito, com cobertura 100% de cada fala, quando esta coadunava com os interesses da emissora, mas quando fugiam destes, eram editadas ou cortadas. As análises políticas e jurídicas, de cada jornalista, eram estrategicamente transmitidas, e se comprometiam com a posição da classe dominante, dona inclusive dos meios midiáticos².

O resultado deste “espetáculo” político, fora 27% dos votos contra e 63% a favor a admissibilidade, do que ficou conhecido como o *Pedido de Impeachment da Presidenta da República*. Entretanto, para uma grande parte do mundo pensante e crítico, tal movimento político, ficou caracterizado como um golpe “branco”, uma velha

¹ Vanessa Batista de Andrade é aluna do Doutorado em Sociologia da Unicamp.

² A Revista Forbes divulga o capital montante da família Marinho, como líder do ranking das famílias mais ricas do Brasil, dona poderosa de meios de comunicação, seu capital está estimado em US\$ 28,9 bilhões. In: Ser rico e dono da mídia, que mal tem? Publicado: 23.05.2014 Site: www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/ser-rico-e-dono-da-midis-que-mal-tem-3068.html. Acesso: 27.01.2017.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

estratégia de nossa rapinagem política brasileira. Porque, o golpe na forma clássica, seria caracterizado segundo as referências apresentadas na história “(...) pela surpresa, pela violência militar ou civil e pela ilegalidade. Ilegalidade, evidentemente, em face da ordem legal que fraturam, pois, na sequência, o golpe de Estado vitorioso (e só esse conta) impõe sua própria legalidade”. (AMARAL, 2016, p.1). Entretanto, estamos tratando aqui de uma forma diferente de golpe, que vai por dentro do sistema burocrático, que se aproveita de seus interstícios para se legalizar e naturalizar as novas relações de poder.

O golpe faz-se por dentro, manipulado pela burocracia estatal associada a segmentos da classe dominante. É quando o golpe também pode operar-se de forma lenta e continuada, sem ruptura institucional, mas determinando alterações na ordem constitucional. Neste caso, o que caracterizaria o golpe de Estado (ou essa espécie de golpe por dentro do sistema) seria a alteração de poder sem violência e dentro da ordem legal, ou seja, utilizando-se da própria ordem legal para fazer as alterações requeridas pelo novo projeto de poder. Permanece a definição de golpe de Estado porque sua efetividade determina uma nova coalizão de poder, ao arrepio da soberania popular. É um golpe de Estado que não pode ser acoimado de ilegal. (AMARAL, 2016, p.3)

Em nossa história brasileira, vários foram os exemplos de golpes, às vezes no sentido clássico e muitos no sentido branco, como este que estamos vivendo neste momento atual, como diria Florestan Fernandes, nossa revolução burguesa nunca teve a participação da classe popular sempre foi pelo alto.

O Brasil vive um golpe de Estado.

A frase acima não admite tergiversações ou volteios em seu entendimento. A pílula não pode ser dourada. Trata-se de uma ruptura de novo tipo, distinta das observadas nos países sul-americanos entre os anos 1960-1980. Naqueles tempos, aparecia um roteiro que se tornou clássico: as forças armadas se dividiam, um setor se aliava com o grande capital, com os monopólios da mídia e com a embaixada estadunidense. O enredo era previsível: o palácio de governo era sitiado, o mandatário eleito era encarcerado ou expulso do país – quando não assassinado – e triturava-se a institucionalidade vigente. Realizada a trama, o passo seguinte era legalizar o ardil. Juristas inescrupulosos eram chamados para dar tinturas de normalidade constitucional à ditadura estabelecida e, ato contínuo, sufocavam-se com truculência usual as vozes dissonantes. (JINKINGS, 2016, p.12)

E ainda.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Um breve resgate histórico da democracia brasileira nos assombra quando percebemos que no, pós-guerra, somente três presidentes democraticamente eleitos (Juscelino Kubitschek, Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva) terminaram seus mandatos. Ou seja, no Brasil, a regra é o golpe e o autoritarismo. (GOMES, 2016, p. 34)

E isso é realmente assustador, pois tal movimento desencadeou diversos resultados medonhos, que já eram previstos por muitos pensadores das ciências humanas brasileira e mundial, pois já previam que a sede pelo poder executivo e pelas benesses que este gera, poderiam fazer prevalecer os interesses de uma elite política vinculada a alianças exógenas e aos interesses financeiros. Assim, a patifaria televisiva, daquele dia 17 de Abril, manchou a memória da reconstrução democrática brasileira, uma vez que a aprovação de tal relatório vinha na contramão do que se quis construir a na década de oitenta, e por coincidência funesta, foi no dia 16 de Abril de 1984, o Vale do Anhangabaú/SP reuniu por volta de 1,5 milhão de pessoas que pleiteavam as *Diretas Já* e o *voto direto para presidente*. Por que na contramão? Porque a escolha direta do presidente (a), não fora respeitada, e a legalidade de tal ato eleitoral fora tripudiado, e o que fora conquistado institucionalmente e que indicava a construção de “nossa democracia³”, de “nossa cidadania”, fora derrubado por meio de um falatório, com apelo para expressões de cunho moral e/ou religioso, expurgado da boca de cabotinos políticos que se travestiam de paladinos da justiça – quando muitos ali, já estavam respondendo judicialmente por seus crimes, ou seriam citados mais a frente por suas improbidades. E a vontade de 54.5 milhões de eleitores, foi pequena perto da voracidade de uma elite vendida e ímproba. Tais adjetivos são colocados aqui, para caracterizá-los, pois ficamos sabendo de suas desonestidades ao longo do processo de construção do próprio governo golpista, nestes últimos nove meses, por meio das Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI), juntamente como conjunto de ações de investigação em andamento realizado pela Polícia Federal.

³ A verdadeira democracia só seria realmente praticada, numa sociedade em que as desigualdades fossem amenizadas e a participação popular realmente existisse, ou seja, por isso aspas, uma vez que isso não se dá no capitalismo.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

E desde então, estamos vivendo sob o manto do que Agamben traduz como sendo o *Estado de exceção*, aquele momento em que “(...) situa-se numa “franja ambígua e incerta, na intersecção entre o jurídico e o político” (AGAMBEN apud FONTANA, 2004, p.11); e em tempos de “Estado em exceção”, o improvável no cotidiano pode virar naturalizado e aceitável: “(...) e o Estado de exceção apresenta-se como a forma legal daquilo que não pode ser forma legal”. A exemplo dessa legalidade ilegal, tivemos o impedimento do mandato de nossa última presidente, com alegação de crime fiscal, e o que podemos observar do atual presidente que assumiu o poder, pós-golpe, juntamente com seu ministério, é que estes indivíduos que se apresentavam como “justiceiros da república” no processo de impeachment, já foram citados nas delações premiadas, como podemos ver abaixo, ou seja, naturalizamos o inaceitável anteriormente.

De acordo com a delação, em um jantar no Palácio do Jaburu, residência oficial da Vice-Presidência, Temer "solicitou direta e pessoalmente" para Marcelo Odebrecht, herdeiro do grupo empresarial, "apoio financeiro para as campanhas do PMDB" naquele ano. [...] No jantar, diz Melo Filho, Marcelo Odebrecht definiu que seria feito um pagamento de 10 milhões de reais ao PMDB. O delator apresenta um email do herdeiro da empresa sobre o repasse dos recursos no qual ele se refere a Temer pelas iniciais "MT". (REDAÇÃO CARTA CAPITAL — publicado 11/12/2016)

E ainda,

Desonestidade intelectual, truculência no trato com a sociedade civil, incompetência na gestão de cargo público e, claro, ser golpista. Eis as credenciais salientadas sobre Alexandre de Moraes, na tribuna democrática do Largo São Francisco, na noite desta segunda-feira (20.02.2017).

[...] Se aprovado, Moraes ocupará o cargo até, pelo menos, 2043, legislando e criando jurisprudência sobre questões fundamentais da vida nacional. Trata-se de “mais um passo do processo do golpe que estamos vivendo no país”, conforme alertou Jorge Souto Maior, professor de Direito do Trabalho da USP.

Destacando a agenda do golpe “terceirização, o fim da previdência social e pública, o abalo da educação pública, o fim dos direitos trabalhistas” – Souto Maior destacou que para que este processo prossiga, efetivamente, “é preciso nomear alguém do próprio governo para ficar no STF, porque é lá que essas questões vão bater do ponto de vista jurídico”.

É aí que entra Alexandre de Moraes.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Segundo Deisy Ventura, professora de Direito Internacional e Livre Docente do Instituto de Relações Internacionais da USP, “alguém que nós conhecemos e de quem fomos vítimas na Segurança Pública de São Paulo e como ministro da Justiça em Brasília”.

Citando a frase famosa que atesta a mentalidade do então ministro da Justiça “Nós precisamos menos pesquisas e mais armas” Deisy fez uma série de questionamentos. “É essa pessoa que vai interpretar a Constituição Federal? Alguém que quer mais armas em um Brasil que sofre com a violência incontrolada?” (CARLOTTI, 2017, p.1)

Ou seja, o absurdo não pode ser aceito com essa naturalidade, no entanto a grande maioria da população brasileira aceita sem constrangimentos. E por quê?

1. Ideologia poderosa

Voltemos ao diálogo com o filme “Abril Despedaçado”, como é possível fazer frente à força da tradição, quando ela é construída na mente do povo de forma paulatina, em seu cotidiano, por meio dos aparelhos ideológicos? Sejam eles religiosos ou midiáticos.

A população aceita seus desígnios como o personagem do filme, aceita que ele é um *Breves*, e tão breve é tua vida. E isso, vale para o filme como para os indivíduos em nossa sociedade, que como pilhas⁴ fornecem energia por um tempo, mas ao final são descartados, ou seja, como trabalhadores devem produzir, e nessa relação de trabalho são expropriados, “(...) quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; quanto mais valor ele cria, tanto menos valioso se torna; quanto mais aperfeiçoado o seu produto, tanto mais grosseiro e informe o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, tão mais bárbaro o trabalhador (...)” (MARX, p.80). Por isso, o respeito e a disciplina, devem guiar as ações em seu cotidiano, e modelar o

⁴ Fazendo referência ao filme “Matrix”, no qual o papel dos homens é fornecer energia para o programa da Matrix, já no capitalismo o mesmo infortúnio é apresentado para a classe trabalhadora que doa sua energia vital continuamente no mundo do trabalho, ao tempo que produz riquezas para o capitalista.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

comportamento como os dos personagens no filme. Os papéis sociais devem ser aceitos e nunca questionados, e assim devem viver para morrer, se este for o desfecho da história. Como nos lembra Pacu⁵: “*Para quem nasceu morto, o que viver é lucro*”.

Para classe trabalhadora como para os filhos dos Breves, o que resta é aceitar o peso que lhes é dado, pois segundo a crença religiosa que regula a sociedade, o peso dado nunca é maior do que se pode carregar.

Todavia, temos que entender que baixar a cabeça e fazer rodar a roda da história como bois, sem necessariamente receber no lombo a chibatada, como no filme, tal comportamento é produto do condicionamento intensivo, como os cães de Pavlov⁶. Porque de tanto receber instruções de como se portar, o povo acaba se, portando ao desejo de “seus donos”, ou seja, este é o papel do condicionamento na psicologia do comportamento, que recebe o nome de “reflexo condicionado”.

Estes são aprendidos através de emparelhamento, com situações agradáveis ou aversivas simultâneas ou imediatas posteriores. Através da repetição consistente desses emparelhamentos é possível criar ou remover respostas fisiológicas ou psicológicas em seres humanos. Foi essa descoberta que abriu caminho para o desenvolvimento da psicologia comportamental e mostrou ter ampla aplicação prática, inclusive no tratamento de fobias e nos anúncios publicitários. (CARVALHO, 2009, p.59 – grifo nosso)

Imaginemos então, como fica o condicionamento quando este está voltado para aceitação do que está sendo construído dentro da realidade política e social. Vejamos em nossa história, como foi na época de Vargas. Segundo Torretta (2003).

Getulio Vargas, década de 40, ditadura. Era necessário convencer a população de que ele era ditador, porém um bom ditador. O primeiro ponto foi criar um veículo de massas; para isso, abriu crediários para que a população de baixa renda pudesse comprar aparelhos de rádio. E, para ampliar mais a audiência, mandou instalar alto-falantes nas praças dos bairros.

⁵ Frase do *menino* (Pacu) em “*Abril Despedaçado*” ao refletir sobre sua vida e dos seus.

⁶ Pavlov ganhou o Premio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1904 pelo seu trabalho sobre a atividade digestiva dos cães. Na década de 1920, ao estudar a produção de saliva em cães expostos a diversos tipos de estímulos paladares, Pavlov percebeu que com o tempo a salivação passava a ocorrer diante de situações e estímulos que anteriormente não causava tal comportamento. Por exemplo, o som dos passos do seu assistente ou a apresentação da tigela de alimento. (CARVALHO, 2009, p.59)

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

O segundo ponto foi popularizar a programação. Fez acordos e patrocinou a rádio nacional, transformando-a na primeira grande emissora brasileira, lançando moda, criando os primeiros astros e, principalmente, dizendo que todos poderiam “comprar um veículo usado daquele senhor chamado Getúlio Vargas”. Para organizar criou o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda. (TORRETTA, 2003, p.19-20)

E ainda:

O varguismo e o peronismo não se definem como fenômenos fascistas, mais é preciso levar em conta a importância da inspiração das experiências alemã e italiana nesses regimes, especialmente no que se refere à propaganda política. [...] No varguismo e no peronismo, não apenas as técnicas de manipulação destinadas a provocar mudanças de sensibilidade e exaltação dos sentimentos, mas também as formas de organização e planejamento dos órgãos encarregados da propaganda política revelam identidade com a propaganda nazista.

“(...) como declarou Goebbels, “não falamos para dizer alguma coisa, mas para obter um determinado efeito”. O efeito visado no Estado Novo era a conquista do apoio necessário à legitimação do novo poder, oriundo de um golpe. (CAPELATO, 2009, p.73-74 e 78 – grifo nosso)

É importante falarmos disso neste momento do texto, para deixarmos claro, que nem tudo é resultado de tresloucadas afirmações de místicos da teoria da conspiração, quando nos debruçamos para entender o real, este mergulho deve ser feito em sua totalidade, para visualizarmos os bastidores, e entendermos como são traçadas as estratégias que envolvem a administração de nossas vidas privadas, e como elas se encontram entrelaçadas ao nosso cotidiano, por meio dos aparelhos ideológicos, e nem percebemos.

Assim, submissão, aceitação, resignação são posturas muitas vezes ligadas ao poder da ideologia, que regula o comportamento e indica o caminho a ser seguido pelos indivíduos. No caso religioso, o sofrimento é a purgação para a vida eterna. Destarte, fica claro que o aparelho ideológico por excelência no filme é o religioso, e o acesso ao divino se dá pela figura da mãe que em sua maternidade, tenta interceder apelando para os entes divinos o descanso da alma ou espírito de seu filho mais velho morto. Pedindo em meio a sua ascensão de trabalho e determinação, que as dores daquele que levou seu filho a morte, sejam duas vezes mais doloridas do que a

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

sentidas por ele. Sua evocação se faz na intenção de que sua família alcance os valores da honra, por meio deste ato de morte matada a bala, ao invés de morte morrida e, tal compromisso recai sobre os ombros dos filhos vivos. Essa morte é muito comum entre os Severinos⁷, como nos lembra, João Cabral de Mello Neto, em *Morte e Vida Severina*, como segue abaixo.

— E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
— Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada. (MELLO NETO, p.4, 1967)

Emboscada, ave bala, pedra avara, como muitos Severinos, Inácio, Tonho e Pacu, são sujeitos de uma história que nasceu antes deles, e permanecerá a *posteriori* de suas mortes. E se nada for feito, tal ciclo constantemente cobrará vossos mortos. E o que difere tal bestialidade desta vingança sangrenta pela disputa de terras, da atual engrenagem capitalista? O processo é o mesmo, esmaga os trabalhadores e depois os cospe, como o bagaço da moenda de cana. O poder desta máquina capitalista é avassalador, só no Brasil a previsão da OIT para 2017, chegará a números alarmantes de 13,6 milhões de brasileiros que se encontrarão desempregados.

Como é possível isto acontecer e atos revolucionários não estarem pipocando em todos os lugares nesta gigante nação? Hoje, nossos aparelhos ideológicos, principalmente o midiático, estão completamente organizados para atender interesses de uma elite que se beneficia com a tragédia das sociedades, porque em sua maioria são financistas, e o que importa é ganhar com a capitalização de seu capital, independente da nação que será explorada. Por isso, quanto mais à classe trabalhadora ficar em silêncio e sujeita da situação, melhor. Este é o comportamento idealizado pelos senhores

⁷ Severinos – tal adjetivo faz alusão a todos os trabalhadores despossuídos que habitam o meio rural nordestino.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

do Capital. Como diria Enguitta⁸, há uma face oculta dos aparelhos ideológicos, que deve ser desmascarada.

Isso faz nos lembrarmos do livro “Armadilhas da Globalização” de (MARTIN & SCHUMANN, 1998), tal texto escrito no auge do momento neoliberalizante, em 1995, trata do encontro que ocorreu em San Francisco, na Califórnia. Tal conclave recebeu os homens e as mulheres, fortes e poderosos, econômica e politicamente da época, estes se encontraram para traçar perspectivas do nosso futuro, que agora já se tornou presente. Entre os grandes estavam: George Bush, George Shultz, Margerth Thatcher, Ted Turner (esse último é um magnata da mídia americana, fundador da CNN⁹), e o que previam tais perspectivas? Previam uma sociedade 20 por 80, ou seja, 20% dela estariam vivenciando toda a sociedade e os prazeres do desenvolvimento científico e tecnológico, mas os 80% restante, teriam que ser seduzido por uma velha formula ainda muito eficaz, utilizada para conter os ânimos e despertar apatia, desmoralizando qualquer jaez crítico ao estado de coisas conturbadas atuais. Assim, o *panis et circense* foi reformulado e apresentado como um novo paradigma, o qual recebeu o nome “tittytainment”, um neologismo, que segundo seu autor seria “(...) a combinação de “*entertainment*” (diversão, entretenimento) e *tits* (gíria americana para seios ou tetas) (...)”. (1998, p.11)

Ao cunhar a expressão, Brzezinski pensou menos em sexo e mais no leite da mãe que amamenta. Com uma mistura de diversão anestésica e alimento suficiente – o “entretetamento”, numa tentativa de tradução - a vasta legião dos frustrados e excluídos poderia ser mantida satisfeita. (MARTIN & SCHUMANN, 1998, p.12 – grifo nosso)

Zbigniew Brzezinski ex-assessor de Jimmy Carter era responsável por questões geoestratégicas e foi o responsável por tal ideia, que hoje é muito utilizada por nossos

⁸ Marion Enguitta escreveu um livro denominado a Face Oculta da Escola, no qual ele demonstra como sistematicamente os estudantes são condicionados a sua vida de aceitação e obediência, uma vez que a escola é uma etapa de preparação para o mundo do trabalho.

⁹ Robert Edward Turner III, conhecido como Ted Turner (Cincinnati, 19 de novembro de 1938) é um magnata da mídia americano e filantropo. Como homem de negócios, é melhor conhecido como o fundador do canal a cabo CNN, o primeiro dedicado 24 horas às notícias. Além disso, é um dos maiores sócios do grupo Time Warner. Fortuna estimada em ▲US\$2,2 bilhões (2015). Site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ted_Turner acessado em: 29.03.2017.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

canais de televisão, em nossos aclamados *reality shows*, que buscam satisfazer a gigantesca população desprovida de crítica e senso de profundidade política. E os caminhos encontrado para o nosso século 21, assombrosamente se pautaram segundo SCHUMANN e MARTIN, em “(...) um par de números e um neologismo: “20 por 80” e “tittytainment”. Vinte por cento da população em condições de trabalhar no século 21 bastariam para manter o ritmo da economia mundial (...)”, ou seja, 80% da população terão “(...) enormes problemas (...)” ou “(...) cerca de 80% das pessoas aptas a trabalhar ficarão sem emprego. (MARTIN & SCHUMANN, 1998, p.10)

Não é a toa que até mesmo no filme de Walther Sales, temos a presença do circo como o mediador, entre a tristeza e a alegria, pois é aquele momento raro em que o sentido onírico é levado para vida da “vasta legião dos frustrados e excluídos”.

Destarte, como dissemos antes, a ideologia dá conta de direcionar os indivíduos a pensarem como devem pensar, ou na maioria das vezes, deixar de pensar. A exemplo disso, podemos relembrar o filme, no momento em que Tonho se distancia de sua família e de seu desígnio moral, e segue os circenses, mas o peso do compromisso ligado ao valores da honra, não o deixam libertar-se, e ele retorna após um curto período de sonhos com tal possibilidade. E mesmo, sem ter tal destino como crença pessoal, mas por tradição secular, ele deve cumprir com aquilo que lhe fora determinado a partir de seu nascimento. Por estar dentro de uma família, cuja posição social, lhe determina que seus braços sejam apêndices da moenda de cana de açúcar e, que sua vida, nesta engrenagem do jogo primitivo de disputa pela posse da terra, seja a fiança dos seus, no contrato macabro com seus vizinhos, que ao longo dos anos foram se tornando inimigos graças a Lei de Talião¹⁰, que regula ali as disputas pela propriedade privada.

Uma camisa ao vento, sob a luz do sol, suja, suada, surrada e vermelha do sangue derrubado pela disputa. E o tempo, é o da oxidação dos glóbulos vermelhos,

¹⁰ Lei de Talião – olho por olho, dente por dente.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

que tenderão a se tornarem amarelados, e determinarão o quando da execução. O como, já foi determinado pela tradição, similar ao código de Hamurabi, ou como diria Brecht¹¹ em os *Fuzis da Senhora Carrar*, “quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Uma disputa sem lógica, na qual todos perdem.

Para entendermos tal comportamento manso e descabido frente à disputa bestial, do bem imóvel, ou frente nossa realidade, na qual o governo usurpou da população, vários de seus direitos, e ainda está desenvolvendo diversas medidas políticas que atacaram frontalmente a classe trabalhadora, devemos assimilar que não apenas pesa o poder psicológico da ideologia sobre as ações dos indivíduos particularmente, precisamos recordar como se constituiu o Brasil, para entendermos suas particularidades.

2. Regresso Ao Admirável Mundo Novo¹²

Nossa colônia se caracteriza por um desenvolvimento *hipertardio* do capitalismo, enquanto os países do núcleo duro¹³, já vivenciavam um desenvolvimento a todo vapor do modo de produção capitalista. O Brasil traz em sua constituição genética, traços diferenciados da exploração que o caracterizam como via *Colonial* de desenvolvimento do capitalismo.

Um desses traços é a existência de grandes propriedades territoriais – os chamados latifúndios, tal característica é “(...) central da forma de propriedade territorial

¹¹ Bertold Brecht – Os Fuzis da Sr^a Carrar, esta peça trata do posicionamento do povo na defesa da democracia, perante as atrocidades fascistas da Guerra Civil Espanhola, na qual Franco ensaiou o poderio bélico que seria usado na 2^a Guerra Mundial, sobre o povo espanhol.

¹² Nosso subtítulo é uma homenagem a Aldous Huxley, que escreveu o livro *Admirável Mundo Novo* e posteriormente publicou um segundo livro de análise sociológica, com o título *Regresso ao admirável mundo novo*. Achamos pertinente fazer essa paráfrase com o título, pois para muitos europeus, as Américas eram não só um mundo novo, mas um local de oportunidades e esperança, ou uma aposta de possível felicidade inigualável.

¹³ Núcleo Duro – podem ser chamados os países do centro do capitalismo.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

dos países de extração colonial”. (BORGES, p.125) E com ele a aplicação do trabalho escravo,

(...) durante os três primeiros séculos do Brasil colonial, as principais mercadorias exportadas pela colônia foram quase que exclusivamente produzidas por trabalho escravo. Na primeira metade do século XIX, apesar de o país ter alcançado sua independência política e a população livre ter aumentado de maneira substancial, a agricultura brasileira, principal setor de atividade econômica do país, continuou a depender significativamente da escravidão. (LAGO, 2014, p.20)

O emprego da mão de obra escrava africana¹⁴, em pleno momento em que o mundo ocidental se direcionava para a construção de um sistema econômico pautado no emprego de mão de obra assalariada, e em que a sociedade ocidental se dividia em duas classes antagônicas – burguesia e proletariado, momento ainda em que as técnicas e desenvolvimentos científicos já estavam começando a serem empregados no interior do modo de produção dos países de *via clássica*, tais traços marcam como um ferrete nossa colonialidade.

Os indígenas foram também utilizados em determinados momentos, e sobretudo na fase inicial [da colonização do Brasil]; nem se podia colocar problema nenhum de maior ou melhor “aptidão” ao trabalho escravo (...). O que talvez tenha importado é a rarefação demográfica dos aborígenes, e as dificuldades de seu apresamento, transporte, etc. Mas na “preferência” pelo africano revela-se, mais uma vez, a engrenagem do sistema mercantilista de colonização; esta se processa num sistema de relações tendentes a promover a acumulação primitiva de capitais na metrópole; ora, o tráfico negreiro, isto é, o abastecimento das colônias com escravos, abria um novo e importante setor do comércio colonial, enquanto o apresamento dos indígenas era um negócio interno da colônia. Assim, os ganhos comerciais resultantes da preação dos aborígenes mantinham-se na colônia, com os colonos empenhados nesse “gênero de vida”; a acumulação gerada no comércio de africanos, entretanto, fluía para a metrópole; realizavam-na os mercadores metropolitanos, engajados no abastecimento dessa “mercadorias (Novais, p. 104-105, 1979)

Como diria Chasin, nosso desenvolvimentista capitalista era muito peculiar e fugia do tradicional, nos distanciava da *via clássica*, como também da *via prussiana*, nosso

¹⁴ Especificamos para deixar claro que naquele momento, o Brasil já havia abandonado de forma universal a escravidão dos indígenas, e adotara à tempos a escravidão do povo africano, pois entre custo e benefício, a segunda opção era mais viável.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

país ainda caminhava a passos lentos e para muitos estudiosos, passos contraditórios ao próprio desenvolvimento do modo de produção capitalista, uma vez que “(...) a forma industrial do capital” é a forma fundamental do regime capitalista” (CHASIN, 2000, p.46), e tal etapa só iria chegar a se desenvolver aqui de forma sistemática partir da década de 30 do século XX. Tais características são muito expressivas nestes países que foram colônias nas Américas, o chamado Mundo Novo.

Assim, nos rincões deste Brasil, por muito e muito tempo às ações da burguesia nascente, se aliaram as antigas classes dominantes e operaram segundo o pensamento mais retrógrado e fragmentado, cada um disputando para sobreviver à decadência de uma colônia de exploração, pós-abolição. Como efeito houve a reformulação da organização das relações de trabalho, e os indivíduos tiveram que se reestruturar dentro da sociedade. Segundo Lago (2016), fruto desse processo, tivemos a “formação do proletário rural com amplo predomínio de trabalho livre assalariado ou em formas alternativas de relações de trabalho (...)”. (p.20)

Observamos isso na fala de Pacu, que diz: “No tempo do vô, os escravos é que faziam o serviço todo, agora é nos mesmos”.

O tratado de comércio de 1810, referindo-se embora com bonitas palavras ao novo "systema liberal", constitui, na verdade, um instrumento criador de privilégios. Por outro lado, os ingleses não se preocuparam em abrir mercados aos produtos brasileiros, os quais competiam com os de suas dependências antilhanas. Aplicada unilateralmente, a ideologia liberal passou a criar sérias dificuldades à economia brasileira, exatamente na etapa em que a classe de grandes agricultores começava a governar o país. É nesse ambiente de dificuldades que a Inglaterra pretende impor a eliminação da importação de escravos africanos. [...] O governo central, que enfrenta extraordinária escassez de recursos financeiros, vê sua autoridade reduzir-se por todo o país, numa fase em que as dificuldades econômicas criavam um clima de insatisfação em praticamente todas as regiões. As províncias do norte - Bahia, Pernambuco e Maranhão - atravessam um momento de sérias dificuldades econômicas. Os preços do açúcar caem persistentemente na primeira metade do século e os do algodão ainda mais acentuadamente. (FURTADO, 2005, p.97)

“(...) à época da abolição. Os escravos liberados que abandonaram os engenhos encontraram grandes dificuldades para sobreviver. Nas regiões

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

urbanas pesava já um excedente de população que desde o começo do século constituía um problema social. Para o interior a economia de subsistência se expandira a grande distância e os sintomas da pressão demográfica sobre as terras semiáridas do agreste e da caatinga se faziam sentir claramente. (FURTADO, p.140)

O filme temporalmente se localiza, na primeira década do século XX, momento em que os problemas sociais estão aflorando graças às relações exógenas que dificultavam enormemente as relações econômicas brasileiras, principalmente com as medidas adotadas pela Inglaterra. Sobretudo nas províncias nordestinas, o processo da abolição da escravatura e a queda dos preços do açúcar, pressionaram os descendentes dos antigos sesmeiros a dar conta de produzir para sua subsistência, sem a preciosa ajuda dos escravos. E em contrapartida e antigos escravos passaram por grandes dificuldades para sobreviver, pois com a abolição passaram ser classificados como mão de obra excedente, e ao se dirigirem para a cidade ficaram deslocados do funcionamento do trabalho social.

A peculiaridade da forma de desenvolvimento do capitalismo brasileiro, produziu uma grande discussão teórica sobre a sua constituição, para alguns representa uma forma de feudalismo, para outros um pré-capitalismo, e para Caio Prado, Chasin e entre outros a formação social do Brasil é vista como um atraso necessário ao próprio desenvolvimento do capitalismo global.

O modo de produção feudal dominante em Portugal da época, não se transferiu ao país conquistado. Tampouco os portugueses deixaram subsistir o modo de produção das tribos indígenas nas áreas que, sucessivamente, submetiam ao seu domínio [...] O modelo de produção resultante da conquista – o escravismo colonial – não pode ser considerado uma síntese dos modos de produção preexistentes em Portugal e no Brasil [...] o escravismo colonial se desenvolveu dentro do determinismo sócio-econômico rigorosamente definido, no tempo e no espaço. Deste determinismo de fatores complexos, precisamente é que o escravismo colonial emergiu como modo de produção de características novas, antes desconhecidas da humanidade. (GORENDER, p. 54, 1978)

E ainda nas palavras de Marx,

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Sem a escravidão – explicou Marx “não haveria algodão; sem algodão não haveria a indústria moderna. Foi a escravidão que deu as colônias o seu valor; foram as colônias que criaram o comércio mundial que constituiu a condição essencial da indústria em grande escala” (MARX apud WOODIS, 1961) .

Nosso país pode ser entendido como manifestação da *via colonial ou capitalismo hipertardio*, e graças as suas particularidades, já tratadas acima, engendrou segundo CHASIN, uma burguesia que era e ainda é incapaz “(...) de perspectivar, efetivamente, sua autonomia econômica, ou faz de um modo demasiado débil, conformando-se, assim, em permanecer nas condições de *independência neocolonial* ou de *subordinação estrutural* ao imperialismo”.

Tal comportamento vai pesar fundamentalmente na construção atual de nossa realidade, pois este se repete como um disco arranhado, ao longo de todo processo de construção social, tal subserviência de nossa burguesia estará cravada no âmago de nossa constituição política. Em “[...] síntese a burguesia prussiana é antidemocrática, porém autônoma, enquanto a burguesia colonial, além de antidemocrática, é caudatária, sendo incapaz, por iniciativa e força próprias, de romper com a subordinação ao imperialismo”. (BORGES *apud* Chasin, 1980:128—129).

Destarte, o processo tardio de industrialização foi realizado sem o rompimento com a condição de dependência, com a dominação imperialista externa. A articulação com o setor externo, mais a aliança com as forças políticas retrógradas, atinge seu ponto máximo em 1964, quando se passa a fazer uso de um “modelo autocrático burguês”, uma ditadura burguesa revelada e altamente opressora, revelando a verdadeira face da revolução burguesa não democrática no Brasil (FERNANDES, 1975; DRAIBE, 2004). Contraditoriamente, no entanto, a aliança com o capital estrangeiro, sob a égide do capitalismo monopolista, aguçou a coexistência do moderno e do atrasado num mesmo espaço. Perpetuou-se, pois, a posição subalterna da economia nacional e aprofundou o seu grau de satelização, que paradoxalmente concorreu para diluir o poder das próprias elites nativas (OLIVEIRA & VASQUES *apud* FERNANDES, 1975; ARRUDA, 1996).

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

3. Estranhamento naturalizado

“A mãe pensa que mancha de sangue sai, mas não sai”. (Pacu ao ver sua mãe lavando a camisa manchada de sangue de Inácio).

Sábias palavras proferidas pelo pequeno Pacu, que simbolicamente, nos traz a dureza da cena belíssima, que como nas peças de Brecht, nos traz o momento do estranhamento necessário, que é o metateatro, quando ocorre a quebra na história contada, e ele (o menino) abre a tela e nos convida a adentrar na cena, para que a mensagem não se perca na fotografia. É o momento reflexivo no meio do ato cênico, é a chacoalhada com delicadeza, deste pequeno que nos faz lembrar, que os acontecimentos de onde derivaram esta mancha, não se apagarão mesmo com muita esfregação. E ao mesmo tempo ele está a nos contar uma história para além da que ele encena, é nossa história de desigualdade e exploração proletária, onde a beleza e a delicadeza às vezes estão distanciadas dos olhos explorados, onde o trato cotidiano e repetitivo, e na maioria das vezes, muito celerado traz o distanciamento para as relações familiares.

Como no filme, muitas vezes as famílias moram na mesma casa, mas não partilham do mesmo sonho, cada um é tocado de forma particular, pela realidade capitalista, e o abismo entre os indivíduos os separam inevitavelmente.

No filme, a relação de afeto familiar é quase inexistente, talvez entre os irmãos isso ainda ocorra, porque dividem o mesmo teto no momento do sono, e assim estão mais próximos, mas em suas vidas bestiais, são como pequenos animais que se apoiam para enfrentarem os possíveis perigos que aparecerão pela jornada, mas até entre estes não sobra muito tempo para benquerença, pois dividem com os pais a lida cotidiana.

Todavia, há momentos em que a ternura aparece, e o lado mais humanizado em que os sentimentos construídos pela vivência, acabam emergindo por instantes. Um destes seria quando, o pai Breves, entra no quarto de Tonho e Pacu, e leva a arma para

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

este cobrar a dívida de sangue, e fala a Tonho: “Tentei consertar tuas botas, mas não teve jeito não, tome as minhas, é boa de andá”.

Pensemos sobre tal cena, uma frase desprovida de sentimentos, mas ao mesmo tempo, há por trás dela uma grande preocupação com o filho, que terá que percorrer um grande caminho para concluir seu desígnio, e as intempéries que poderão surgir, como também há a preocupação com a conclusão do próprio desígnio, e neste sentido as botas se tornam imprescindíveis para tal ato. Vemos naquele olhar quase inexpressivo, moldado a dureza da vida agreste, um certo grau de humanidade, e isto sentimos pela entonação de sua voz e pela fala mais mansa para com o filho, e percebemos através da expressão facial de Tonho que aquele momento era por demais sentimental, quase uma bênção de seu pai à sua caminhada.

Destarte, as botas cumprem um papel como o casaco de Marx para a construção de “O Capital”, segundo o autor STALLYBRASS (2012) do livro *O Casaco de Marx*, ela, a vestimenta, que fora tantas e tantas vezes penhorada, sempre foi necessária para que Karl Marx pudesse adentrar a Biblioteca Britânica para consultar as obras e escrever a sua magistral. Sem ele, suas idas a biblioteca esbarrariam na porta, pois havia certo modo de se vestir necessário para adentrar naquele ambiente hermético, vedado a população pobre e maltrapilha.

O salão de leitura não aceitava simplesmente qualquer um que chegasse a partir das ruas: e um homem sem um casaco, mesmo que tivesse um passe de entrada, era simplesmente qualquer um. Sem seu casaco, Marx não estava, em uma expressão cuja força é difícil de reproduzir, “vestido em condições em que pudesse ser visto”.

O casaco de inverno de Marx estava destinado a entrar e a sair da loja de penhores durante todos os anos 1850 e o início dos anos de 1860. E seu casaco determinava diretamente que o trabalho ele podia fazer ou não. Se seu casaco estivesse na loja de penhores durante o inverno ele não podia ir ao Museu Britânico. Se ele não pudesse ir ao Museu Britânico, ele não podia Realizar a pesquisa para “O Capital”. As roupas que Marx vestia determinavam assim o que ele escrevia. Existe, aqui, um nível vulgar de determinação material que é difícil até de considerar, embora as considerações materiais vulgares fossem precisamente aquilo que Marx estava discutindo: todo o primeiro capítulo de “O Capital” traça as migrações de um casaco, visto como uma mercadoria, no interior do mercado capitalista. (STALLYBRASS, 2012, p.78)

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Assim, um elemento cênico como as botas no filme “Abril Despedaçado”, ganham destaque porque sem elas, talvez não houvesse nenhuma garantia de efetivação da ação esperada por este membro da família.

Há ainda momentos salpicados de doçura e felicidade ingênua, seja no olhar do menino pelo encontro com os atores circenses e as promessas que ele criou em sua cabeça para aliviar o peso de sua vida no “Riacho das almas”, local onde ele vivia. Ou em momentos, em que a direção fotográfica nos aproximou dos personagens, nos mostrando que estes eram humanos como nós. E ela o fez, às vezes, por meio das lágrimas do pequeno Pacu; ou por meio do toque nas mãos dos irmãos à mesa, quando o menino sofreu uma agressão física de seu pai, por ter se oposto a ida do irmão à ação de vingança; ou no momento apaixonante de Tonho e Clara, no qual ela voa como em um sonho que se distancia de realizar a cada tic-tac do relógio; ou por fim no momento do riso alegre da mãe, que vê que o filho está bem, após a queda de Tonho da balança, mas seu riso é cortado pelo riso frouxo e histérico do pai, que causa estranheza a todos.

No entanto, a família conta com todos os seus membros para existir, sua labuta é sempre coletiva, principalmente quando esta família vive no campo, como é o caso do filme em questão, cada esforço a mais vale uma probabilidade maior de existência, e cada um paga como pode, com seu suor, sangue e lágrimas. Tal fato é reproduzido constantemente no filme, nas cenas em que sobre um sol escaldante toda a família está lá, dando muito de si para produzir rapaduras, “cozinhando os miolos”, mas distanciados pelo silêncio e pela rudeza do trato diário.

Para aproximarmos o tema do filme da história proletária, basta recordar a obra primorosa de Engels intitulada “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, que retrata de maneira sócio-antropológica a vida dos trabalhadores e de suas famílias no início do industrialismo. A partir deste texto, a área das ciências humanas passou a entender com maior profundidade, como e porque o trabalhador sempre estará

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

submetido aos ditames do modo de produção vigente, não diferindo se isso ocorrer na Inglaterra no século XIX ou, no Brasil no início do século XX.

Na indústria do século XIX, quando o capitalista necessitava de mão de obra pesada e de força, a potência masculina era contratada, para tal especificidade de trabalho, mas com os adventos do desenvolvimento tecnológico, as mulheres e as crianças, foram chamadas para produzir no lugar dos homens, uma vez que o custo com a mão de obra era bem menor. Diante disso, como explica Engels ocorre uma desagregação da família proletária, ocasionada pela inversão dos papéis e pelo distanciamento entre as relações entre pais e filhos. Nas palavras dele:

Uma mãe que não tem tempo de se ocupar do seu filho, de lhe dedicar durante os primeiros meses os cuidados e a ternura normais, uma mãe que mal tem tempo de ver o filho, que não pode ser uma mãe para ele, torna-se fatalmente indiferente; trata-o sem amor, sem solicitude, como uma criança estranha. As crianças que crescem nestas condições, mais tarde estão completamente perdidas para a família, incapazes de se sentir em casa no próprio lar que fundam, porque apenas conhecem uma existência isolada; contribuem necessariamente para a destruição da família, de resto generalizada entre os operários. O trabalho das crianças cria uma desorganização análoga na família. Logo que conseguem ganhar mais do que o seu sustento custa aos pais, começam a dar-lhes uma certa soma pela alimentação e casa, ficando com o resto para si. E isto acontece muitas vezes a partir dos 14 ou 15 anos (Power; *Rept. on Leeds*; Tufnell: *Rept. on Manchester*, p. 17, etc., no relatório de fábrica). Numa palavra, as crianças emancipam-se e consideram a casa paterna como uma pensão: que muitas vezes abandonam por outra se ela lhes não agrada. Em muitos casos a família não fica totalmente desagregada com o trabalho da mulher, mas fica tudo de pernas para o ar. E a mulher que alimenta a família, e o homem que fica em casa, guarda as crianças, limpa os quartos e prepara a comida. Este caso é muitíssimo frequente. (ENGELS, 1975, p.190)

Ou seja, o trabalho sob o ritmo do capital absorve a família e a reconstrói em outro modelo, cada um possui um valor em moedas, os braços e pernas são imprescindíveis ao trabalho cotidiano, vimos tal fato nas cenas em que Pacu, ficava a devagar em seus sonhos, mas sempre era cobrado por estar de folga quando deveria se juntar a família e trabalhar. A questão familiar proletária, já fora abordada em alguns outros filmes, como “Daens – um grito de justiça” ou “Germinal”, nestes fica evidente a

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

exploração industrial que incide sobre todos os membros da família trabalhadora, já em “Abril Despedaçado” observamos a exploração do homem do campo e de seus convives, e a pressão do capital sobre sua base fundiária de pequeno produtor rural, que quase produz apenas para sua sobrevivência, mas é explorado de igual maneira.

4.O capital como vampiro, vive tanto mais quanto mais sugar¹⁵

Agora tu já sabe minha história, mas eu continuo a não me alembra da outra. (Pacu, em sua última cena caminhando para seu destino fatídico).

Voltemos destes resgates fílmicos e históricos, para a nossa atual realidade contemporânea, aquela que estamos concomitantemente dialogando a fim de entendermos a primeira cena deste texto e com ela toda a história. Após praticamente dez meses de golpe, o que temos no Brasil, são graves resultados iniciais deste governo: o desemprego em massa, o desmantelamento dos direitos trabalhistas, a acelerada queima de nossas empresas estatais, de nossas reservas minerais e territoriais por meio das privatizações etc. Estes retrocessos sociais advêm das propostas deste atual governo, em um projeto cujo título, dizia “ligar nossa nação ao futuro”, na tentativa de justificar tais ações descabidas. No entanto, tais coordenadas presentes na proposta, já nos são velhas conhecidas: o impulso neoliberal e a financeirização do capital”.

Em perspectiva acelerada teremos em um futuro próximo: a diminuição dos postos de trabalho e os direitos trabalhistas com a terceirização; a perda da seguridade social com a reforma da previdência; a aniquilação da saúde e do ensino público e gratuito, que se encaminham celeremente para privatizações; a perda de nossas grandes

¹⁵ Extrato da frase extraída de “O Capital”: O capital é trabalho morto que apenas se anima, à maneira de um vampiro, pela sucção de trabalho vivo, e que vive tanto mais quanto mais dele sugar. O tempo durante o qual o operário trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho por ele comprada. Se o operário consome o seu tempo disponível para si próprio está a roubar o capitalista. (MARX, 2003, p. 271 – grifo nosso)

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

empresas estatais por meio do processo acelerado privatizante, etc. E em contrapartida, ocorre o crescimento do capital externo que já avança por todas as brechas criadas por esse ideário.

(...) o crescimento e a difusão da terceirização a reafirma como uma modalidade de gestão, organização e controle do trabalho num ambiente comandado pela lógica da acumulação financeira, que, no âmbito do processo de trabalho, das condições de trabalho e do mercado de trabalho, *exige total flexibilidade em todos os níveis*, instituindo um novo tipo de precarização que passa a dirigir a relação capital-trabalho em todas as suas dimensões. E, num quadro em que a economia está comandada pela lógica financeira sustentada no curtíssimo prazo, as empresas do setor industrial buscam garantir seus altos lucros, exigindo e transferindo aos trabalhadores a pressão pela maximização do tempo, pelas altas taxas de produtividade, pela redução dos custos com o trabalho e pela “volatilidade” nas formas de inserção e de contratos. É o que sintetiza a terceirização, que, como nenhuma outra modalidade de gestão, garante e efetiva essa “urgência produtiva” determinada pelo processo de financeirização ao qual estão subordinados todos os setores de atividade, já que são também agentes e sócios acionistas do capital financeiro (ANTUNES & DRUCK apud DRUCK, 2013, p.219).

Existe uma lógica por trás dessas ações, e nossas elites coadunam com ela, pois representam uma fração da burguesia, que posa de nacionalista, abraça a bandeira e incita comportamentos fascistas da maioria ignorante, que se posiciona a direita ao seu lado, mas diferente disso, podem ser chamados de “aristocracia financeira”, pois são parte de um fracionamento da classe capitalista, que se definem segundo o posicionamento do capital frente ao sistema capitalista mundial. Estes pretendem sempre maiores e maiores lucros, e não se preocupam com o real desenvolvimento nacional.

No século XX, autores capitalistas como Hilferding e Lenin apontaram para a tendência de fusão do capital industrial com o bancário, formando-se assim um novo segmento capitalista, típico da etapa de desenvolvimento imperialista do capitalismo, “o capitalismo financeiro. (SAES, 2014, p. 105-112)

Este é para Poulantzas um grupo multifuncional, “(...) cujo posicionamento perante a política do Estado vai preponderar uma das duas dimensões – bancária ou industrial”. Sendo assim, segundo SAES (2016, p.116), tais frações podem associar-se

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

com o capital estrangeiro e defender seus interesses internamente, ou ser submetido ao capital estrangeiro por uma relação de vendas às empresas internacionais instaladas no país, ou ainda quando o capital nativo direciona sua exploração ao mercado externo, colocando em segundo plano o mercado interno. Desta forma, esta fração da burguesia vive por defender seus interesses e articula para que o Estado construa políticas que os beneficiem. Sem se importarem, portanto, como já foi dito antes “(...) em permanecer nas condições de *independência neocolonial* ou de *subordinação estrutural* ao imperialismo”.

Destarte, é possível entender como o atual governo com suas políticas “antipovo”, “antiproletariado”, facilita e agrada aos interesses econômicos desta elite, uma vez que “(...) a política do Estado beneficia prioritariamente um conjunto articulado de interesses heteróclitos do tipo “grande capital industrial associado” ou “grande capital bancário interno” (SAES, 2014, 118), e assim, acabam atendendo os interesses de um grupo plurifracional devido ao poder de hegemonia política deste grupo.

E nesse enredo capitalista de maximização de lucros, vemos no filme quando o pai foi passado para trás por um comerciante, que pagou menos pelo seu produto manufaturado, dizendo que o progresso fez baixar os preços das mercadorias. Assim, para garantir seus lucros, Sr. Lourenço (o comerciante) transfere o ônus a Breves (trabalhador rural e pequeno proprietário), o repassa a pressão pela maximização do tempo e pelas altas taxas de produtividade das usinas a vapor. A concorrência faz reduzir os preços das mercadorias, inclusive da força de trabalho.

Também chamada *livre-concorrência*. Situação do regime de iniciativa privada em que as empresas competem entre si, sem que nenhuma delas goze da supremacia em virtude de privilégios jurídicos, força econômica ou posse exclusiva de certos recursos. Nessas condições, os preços de mercado formam-se perfeitamente segundo a correção entre oferta e procura, sem interferência predominante de compradores ou vendedores isolados. Os capitais podem, então, circular livremente entre os vários ramos e setores, transferindo-se dos menos rentáveis para os mais rentáveis em cada

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

conjuntura econômica. Nesse caso, o mercado é concorrencial em alto grau. (SANDRONI, 1999, p.118-119)

“Rapadura é o que não falta”. (frase de Seu Lourenço para finalizar a discussão com Breves, sobre o valor errado pago pelas rapaduras).

No Brasil, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241/55 de 2016 que propõe congelar os gastos públicos por 20 anos, e afeta frontalmente os setores sociais; o Projeto de Lei 4330/2004 que abre legalmente o processo de terceirização, e com ele toda a mazela que tal ato poderia entrelaçar, com sua aprovação as relações trabalhistas vão se precarizar plenamente, juntamente com a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 257,287/2016, que institui a Reforma da Previdência, ou seja, todas as medidas tomadas com a desculpa de fazer o Brasil sair da crise, são em verdade formas de retirar dos mais pobres e beneficiar a parte da sociedade com maior poder aquisitivo.

Em 24 de maio de 2016, foi dada a largada para a plataforma regressiva. O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, anunciou uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que contém o aumento do gasto público por prazo prolongado, limitando-o à inflação. Isso significa constitucionalizar restrições ao investimento social, na mão contrária do que foi decidido em 1988, quando promulgada a atual Carta. Se aprovada a PEC ora anunciada, a margem de manobra do Estado ficaria restrita, mesmo que a receita volte a subir, o que certamente vai acontecer porque a economia não permanecerá sempre em recessão. Trata-se de mudança que implica congelar, por tempo amplo, as possibilidades de diminuir a desigualdade via políticas sociais. Seria uma maneira de brechar o decidido pelo Congresso Constituinte eleito em 1986. (SINGER, André in JINKINGS et al, 2016)

E ainda.

Segundo uma nota divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) no fim de setembro, a perda acumulada em 20 anos para a saúde seria de 654 bilhões de reais, em um cenário de crescimento do PIB de 2% ao ano. De acordo com uma projeção realizada por consultores legislativos da Câmara, a perda acumulada até 2025 seria de 331 bilhões de reais. (*CartaCapital*. por Redação — publicado 10/10/2016)

Neste exato momento, a luta de classes está acirrada, pois o Estado representa explicitamente os interesses das frações da classe burguesa, não nacionalista e nem desenvolvimentista, e por isso afeta a grande a maioria da população e também aqueles

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

capitalistas nacionalistas que apostavam na indústria interna. Mas, como a mídia regula o humor de todos e leva a “consciência política” plasmada, isso obnubila o que efetivamente está ocorrendo em nossa economia e sociedade como um todo.

Com um mar de moralismo, as notícias são explicitadas para aflorar o ódio entre a população e mascarar o que exatamente está ocorrendo. Ignorância é a mãe de todos os negócios, e o Estado virou um grande balcão, onde a população deixou de ser respeitada, e seus direitos estão sendo desfeitos como lágrimas na chuva, tão rapidamente que chega a assustar, pelo grau de aceitação e ares de legitimidade.

Assim passamos a entender, mais pontualmente de que história é essa que um jovem poderá estar se referindo daqui a alguns anos, é a nossa história calamitosa que nos espera em breve. Pelos cálculos da OIT, já citados anteriormente haverá um excessivo número de desempregados, que não conseguiram se reestabelecer socialmente. E com o peso do congelamento no setor social, a falta de acesso à saúde e a educação, afetará grandemente nossa população, pois encurtará mais ainda a apreensão do real e das conexões que permitem fazer sentido a vivência cotidiana.

E como Pacu, nossos jovens estarão perdidos vivendo a realidade imediata, mas sem entender a história de sua própria vida, pois a administração de seu viver cotidiano não os pertencem, uma vez que o futuro é traçado pelo alto, sem revoluções e com muita resignação.

Concluindo

Por fim, vemos no filme a tomada de consciência de um dos personagens principais, após a morte de seu irmão mais novo (Pacu), Tonho se nega a obedecer a se curvar a lógica doentia que regia o cotidiano familiar, e finalmente se liberta das amarras invisíveis que o arrastaram para este final tão trágico. O preço é sempre muito alto a se pagar pela liberdade, no caso dele, sua história determinada pela disputa paga

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

com sangue, é reescrita por seu irmão mais novo que lhe dá a possibilidade de um novo enredo a sua vida, e assim mesmo após a ameaça de seu pai, ele larga tudo para ir de encontro com sua individualidade, independente das determinações coletiva familiares.

Pacu um menino moldado a secura e dureza de sua vida do sertão nordestino, este não deixa se distanciar do encantamento do mundo, como fuga do amargo da vida se embrenha na magia da leitura simbólica, analfabeto por decorrência dos afazeres cotidianos – como muitas de nossas crianças, apenas lê as imagens do livro ganhado de uma “sereia”, como ele gostava de lembrar dela, ou de uma moça circense para aqueles adultos desencantados.

O que nos pede o filme? É que deixemos de ser analfabetos políticos e entendamos o real para além do que está posto, devemos por meio dele nos encontrar em nossa fraqueza humana, e destrinchar os significados submersos em cada cena. E por ser uma história das ações humanas é por essência universalista, mesmo que esta se passe no interior do Nordeste, poderia ocorrer em qualquer lugar. Por isso destacamos a relevância de fazer o dialogo deste filme com nossa realidade recente, para refletirmos sobre nossas particularidades locais e os problemas atuais, como também ligarmos a história universal a nossa própria história social, demonstrando que o romance rompe a literatura, e invade a vida em um metadrama, interrogando a cada cena o telespectador, que em sua passividade é chamado a tomar uma posição. Pois, este não consegue sair do filme sem se sentir incomodado, sem ser tocado pelos dramas e sonhos das personagens, pois estes nos são muito próximos, uma vez que falam de nós mesmos e da miséria da vida regida por um modo de produção pautado na exploração.

Assim, nossa primeira cena do texto, pode nos remeter a algum momento de nosso futuro próximo, demonstrando a possível história que envolverá nossos jovens filhos dos trabalhadores, privados de educação, saúde e trabalho, devido a decisões que tomadas por meio de um golpe, e legitimada pelas frações de classe.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Roberto. *Brasil, de golpe a golpe*. In: Carta Capital. Sábado, Política. Publicado: 18.02.2016 Site: <https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-de-golpe-a-golpe> Acesso: 18.12.2016.

AGAMBE, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti – São Paulo: Boitempo, 2004, p.11 (Estado de sítio).

ANTUNES, Ricardo & DRUCK, Graça. *A terceirização como regra?*. Rev. TST, Brasília, vol. 79, no 4, out/dez 2013 - p.219.

CHASIN, José. “A via colonial de entificação do capitalismo”. In: *A miséria brasileira (1964-1994: Do Golpe Militar à Crise Social)*, São Paulo: Estudos/Edições AdHominem, 1999. (pp.37-58)

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Os anos do povo in *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma / Emir Sader (org.)*. - São Paulo, SP: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil 2013.

BORGES, Maria Angélica. “Particularidade e Objetivação do capitalismo”. In: Revista *Escrita Ensaio*, Ano IV, no. 9/8 São Paulo, Ensaio, 1980.

_____. *As vias do desenvolvimento capitalista: clássica, prussiana e colonial* in Revista História econômica & História de Empresas, 1999.

CAPELATO, Maria Helena & NAPOLITANO, Marcos. *História e Cinema - Dimensões Históricas do Audiovisual*. Editora: Alameda,

CartaCapital da Redação. Delação de ex-diretor da Odebrecht atinge Temer e cúpula do PMDB, por Redação — publicado 11/12/2016 15h52, última modificação 11/12/2016 23h20). Site:<http://www.cartacapital.com.br/politica/delacao-de-ex-diretor-da-odebrecht-atinge-temer-e-cupula-do-PMDB> Acesso: 17.01.2016.

CartaCapital. *Deputados congelam verbas da saúde e educação por 20 anos* por Redacao — publicado 10/10/2016 21h40, última modificação 10/10/2016 23h10 Site:<https://www.cartacapital.com.br/politica/deputados-congelam-verba-da-saude-e-educacao-por-20-anos>Acesso: 30.03.2016.

CARLOTTI, Tatiana. *'Ser golpista', a credencial de Moraes para o STF*. postado em: 21/02/2017. Site:http://www.cartamaior.com.br/detalheImprimir.cfm?conteudo_id=37747&flag_destaque_longo_curto=C. Acesso: 10.03.2016.

CARVALHO, José Eduardo. *Neuroeconomia – Ensaios sobre sociobiologia do comportamento*. Lisboa: Edições Silabo – 1ª edição, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. “Uma via não-clássica para o capitalismo”. In: D’INCAO, Maria Ângela. *História e Ideal: Ensaios sobre Caio Prado Junior*. São Paulo: Brasiliense/Editora Unesp, 1989.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*, 1ª. edição: 1959, 2006. (137-335 pp.).

GOMES, Ciro. Por que o golpe acontece? In: JINKINGS et al, *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*, 2016, p. 34-36.

GORENDER, Jacob *O escravismo colonial*. São Paulo: Expressão Popular. 1ª. edição 1978 - 2016. (81-119 pp)

LAGO, Luiz Aranha Corrêa do *Da escravidão ao trabalho livre*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (27-91 pp.)

MARTIN, Hans Peter, Schumann, Harald. *A Armadilha da Globalização: o assalto à democracia e ao bem-estar social*. 6.ed.São Paulo: Editora Globo, 1998.

MARX, Karl. “*O Capital*”. 2ª edição. São Paulo: Nova cultural, 1985, vol. I e II.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 10ª edição. São Paulo: Hucitec, 1996.

MAZZEO, Antonio Carlos. *Estado e burguesia no Brasil: Origens da autocracia burguesa*. 1ª. edição 1989. São Paulo: Boitempo editorial, 2015. (19-80 pp.)

MELLO NETO, João Cabral. *Morte e vida Severina*. p.4, 1967.

OLIVEIRA, Giuliano C. & VASQUES, Daniel A. *Florestan Fernandes e o Capitalismo Dependente: elementos para interpretação do Brasil*. In: Revista OIKOS/Rio de Janeiro/ volume 9, n}1, 2010 issn 1808-0235 site: www.revistaoikod.org – p. 137-160. Acesso: 10.01.2017.

SAES, Décio. As frações da classe dominante no capitalismo: uma reflexão teórica. In: PINHEIRO, Milton (Org.). *Ditadura: o que resta da transição*. São Paulo: Boitempo, 2014.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*, São Paulo: Editora Best Seller, 2003.

SINGER, André. Por uma frente ampla, democrática e republicana In JINKINGS et al, *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*, 2016, p.120-124.

_____. Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador (São Paulo, Companhia das Letras, 2012).

TORRETTA, André. *Como ganhar seu voto Marketing Político*. Editora: Oficina de Textos. 2003, p.19-20.

STALLYBRASS, Peter *O casaco de Marx: roupas, memória, dor* / Peter Stallybrass ; tradução de Tomaz Tadeu. - 3. ed. - Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008, p.78

WODDIS, Jack. *África – As Raízes da Revolta*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.